

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA LITORAL NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA: LICENCIATURA**

GIOVANNA GONÇALVES KAIPPER DE BORBA

**LÍNGUA INGLESA E PEDAGOGIA
Reflexões acerca da oferta de Língua Inglesa na Educação Infantil e Anos
Iniciais do Ensino Fundamental**

**OSÓRIO
2022**

GIOVANNA GONÇALVES KAIPPER DE BORBA

LÍNGUA INGLESA E PEDAGOGIA

**Reflexões acerca da oferta de Língua Inglesa na Educação Infantil e nos Anos
Iniciais do Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Gabrielli Gadens Marcon

OSÓRIO

2022

Catálogo de Publicação na Fonte

B726l Borba, Giovanna Gonçalves Kaipper de.

Língua inglesa e pedagogia: reflexões acerca da oferta de língua inglesa na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. / Giovanna Gonçalves Kaipper de Borba. – Osório, 2022.

42 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Gabrielli Gadens Marcon.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Unidade em Osório, 2022.

1. Língua inglesa. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Escola pública.
I. Marcon, Gabrielli Gadens. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Carina Lima CRB10/1905

GIOVANNA GONCALVES KAIPPER DE BORBA

LÍNGUA INGLESA E PEDAGOGIA

**Reflexões acerca da oferta de Língua Inglesa na Educação Infantil e nos Anos
Iniciais do Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof^a. Dr^a Gabrielli Gadens Marcon

Aprovado em: 15/06/2022

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof^a. Dr^a Gabrielli Gadens Marcon
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Prof^a. Dr^a Carolina Gobbato
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Prof^a. Dr^a Sandra de Oliveira
Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha

OSÓRIO

2022

Dedico este trabalho a meus amados e honrados pais: Sandra e Daniel Kaipper. A quem devo todo o incentivo ao estudo e ao buscar fazer todas as coisas com excelência.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Jesus, meu amado Pai, Salvador, Senhor, Deus e melhor amigo. A Ele sou grata pela oportunidade de estudar e me preparar para atuar em uma profissão tão bela e tão cheia de desafios como é a Pedagogia.

À Uergs, instituição que me acolheu de braços abertos e me oportunizou uma formação tão significativa, incluindo o PIBID que me concedeu um crescimento significativo no meu modo de pensar a docência. Obrigada, querida Universidade por proporcionar o convívio com professores e colegas que marcaram minha vida.

À minha orientadora, Professora Dr^a Gabrielle Gadens Marcon, o meu muito obrigada por tanta atenção, interesse, criatividade, resolução de problemas, incentivo, dicas, sugestões, tempo investido e paciência. A senhora é brilhante! É uma máquina de ideias, de conexões, de saberes, faz tudo com tanta facilidade e praticidade. E o melhor: com encargo, mostrando que quer desempenhar plenitude e não apenas cumprir um protocolo. A senhora é um modelo a ser seguido, um referencial de docente. Fui muito feliz de ser sua aluna, sua bolsista e orientanda neste percurso.

A todos os professores da UERGS que ao longo do trajeto foram instrumentos de provocação para que eu saísse da zona de conforto e fosse em busca de desvendar os ministérios da educação e da profissão docente. Foi uma honra receber a ministração de aulas tão ricas e cheias de conteúdo.

Aos meus queridos colegas das turmas: matutina de 2016, noturna de 2017 e vespertina de 2019. Obrigada por me receberem em seus convívios e dispensarem empatia, parceria, conversas, risadas e auxílio de tantas maneiras.

Aos meus amigos que ouviram “nãos” a convites e passeios pois estava envolvida com trabalhos, estágios, projetos e etc. Agradeço pela compreensão e incentivo. À minha querida amiga-irmã do coração Vitória. Seu auxílio sempre altruísta foi fundamental para a escrita desde TCC. Não seria possível se você não estivesse cuidando do Benjamin, meu tesouro, para que eu tivesse as tardes livres para elaborar esta monografia. Gratidão pela sua pró atividade e excelência.

Aos meus pais, obrigada por me apoiarem em todos os aspectos ao longo da jornada da graduação com tanto zelo e encargo. Sem o esmero, esforço e sacrifício de vocês, nada disso seria possível. A vocês, meus sinceros agradecimentos.

Aos meus familiares, sem vocês tudo teria sido mais difícil, enfadonho e complicado. Vocês aliviaram o peso dos momentos de pressão, foram uma

indescritível rede de apoio, graça e amabilidade. Vocês foram usados por Deus para me cuidar, mimar e ajudar nos momentos em que eu mais precisei e pensei em desistir. Obrigada por tanta abnegação!!!! Sou eternamente grata.

Por fim, gostaria de dar graças pela vida do meu esposo Lucas e meu filho Benjamin. A família que constituí, a base de tudo, minha alegria... Meu prazer é estar com vocês. Por inúmeras vezes fomos destituídos do privilégio de estarmos em comunhão desfrutando da presença uns dos outros nesta longa jornada de sete anos. Entre viagens de Capão a Osório, noites terminando trabalhos e estudando para provas, estágios e outras coisas mais, fomos privados de momentos de descanso e lazer. Mas vocês sempre me apoiaram e respeitaram, obrigada pelo amor e compreensão.

Querido filho Benjamin, me sinto realizada em ter aprendido tanto neste período e poder estar desfrutando das práticas destes conhecimentos ao seu lado, na sua vida. É uma honra ser sua mãe e é um privilégio ser uma mãe pedagoga.

“Pois o Senhor é quem dá a sabedoria; de sua boca
procedem o conhecimento e o discernimento.”
Provérbios 2:6

RESUMO

A presente monografia buscou refletir sobre a oferta de Língua Inglesa (LI) na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para isso foram delineados como objetivos: Realização de uma revisão bibliográfica abrangendo a concepção de alguns teóricos sobre a Língua Inglesa para crianças e as políticas públicas relacionadas, na Educação Infantil e Anos Iniciais; Análise das percepções dos docentes acerca do ensino de Língua Inglesa para crianças através de relatos de suas experiências com o ensino; Verificação da possibilidade da Base Nacional Comum Curricular acolher a Língua Inglesa para as etapas de interesse desse estudo. A abordagem metodológica usada foi pesquisa de campo/qualitativa e ocorreu por meio da realização de questionários com gestores e professores de LI. Visando o que este manuscrito propõe, podemos afirmar que principalmente no âmbito escolar do ensino público, analisando a perspectiva social, é fato de que após a implantação de mudanças nos currículos das Escolas de Ensino Fundamental e possivelmente em Escolas de Educação Infantil teremos com certeza uma coletividade muito mais preparada para enfrentar o presente cenário mundial e o mercado de trabalho que são permeados pela globalização, tecnologia digital frente a uma exposição/demanda linguística influenciada majoritariamente pela Língua Inglesa. Sem menosprezar o fato de desenvolver no indivíduo a segurança e satisfação pessoal de se apropriar de uma língua de prestígio que irá possibilitar a comunicação diversa com os “cidadãos do mundo” na esfera pessoal.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Ensino-aprendizagem. Escola pública.

ABSTRACT

The present monography had as main objective: Reflect on the offer of English Language in Early Childhood Education and in the Initial Years of Elementary School. For this to be fully achieved, the following specific objectives were outlined: Conducting a literature review covering the conception of some theorists about the English language in Early Childhood Education and Early Years; Analysis of teachers' perceptions about English language teaching to children through reports of their experiences with teaching; Verification of the possibility of the Common National Curriculum Base to host the English Language for the stages of interest of this study. The methodological approach used was field/qualitative research and occurred through questionnaires with English language managers and teachers. Aiming at what the present manuscript proposes, we can say that mainly in the school environment of public education, analyzing the social perspective, it is a fact that after the implementation of changes in the curricula of Elementary Schools and possibly in Early Childhood Schools (Kindergarten) we will certainly have a community that is much more prepared to face the present world scenario and the job market that are permeated by globalization, digital technology in the face of a linguistic exposure/demand influenced mostly by the English language. Without underestimating the fact that the individual has the security and personal satisfaction of appropriating a prestigious language that will enable diverse communication with the "citizens of the world" in the personal sphere.

Key-words: English language. Teaching-learning. Public school.

LISTA DE ABREVIATURAS

AI - Anos Iniciais

EI - Educação Infantil

EF - Ensino Fundamental

EF 1 - Primeiro ciclo do Ensino Fundamental

EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

E EI – Escola de Educação Infantil

EEF – Escola de Ensino Fundamental

LE- Língua Estrangeira

LEC - Língua Estrangeira para Crianças

LI - Língua Inglesa

LIC - Língua Inglesa para Crianças

L2 - Segunda Língua

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
2 REFERENCIAL TEÓRICO	02
3 METODOLOGIA	12
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE A	43

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa foi escolhido para que houvesse um aprofundamento na pesquisa e conseqüentemente no saber em relação à área de estudo do Ensino de uma Segunda Língua para crianças e as implicações disso, caso acontecesse a oferta adequada de uma Língua Estrangeira (LE) no ambiente escolar - no caso deste estudo, a Língua Inglesa (LI) - especificamente na Educação Infantil e no primeiro ciclo do Ensino Fundamental (F1).

Acreditamos que esta monografia irá fomentar a reflexão sobre a importância deste assunto tão relevante na sociedade atual fazendo com que mais pesquisadores sejam despertados para a necessidade de expor a urgência de se estabelecer políticas públicas que abarquem de maneira objetiva e fundamentada o ensino da Língua Inglesa para os alunos do 1º ao 5º ano, nas legislações e nas instituições de ensino.

O presente estudo tem como **objetivo principal:**

Refletir sobre a oferta de Língua Inglesa na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Para que este seja plenamente alcançado foram delineados como **objetivos específicos:**

1. Realizar uma revisão bibliográfica abrangendo a concepção de alguns teóricos sobre a Língua Inglesa para crianças e as políticas públicas relacionadas na Educação Infantil e Anos Iniciais;
2. Analisar as percepções dos docentes acerca do ensino de Língua Inglesa para crianças através de relatos de suas experiências com o ensino;
3. Verificar a possibilidade da BNCC acolher a oferta da Língua Inglesa para as etapas de interesse desse estudo.

Visando o que o presente trabalho propõe, podemos afirmar que principalmente no âmbito escolar do ensino público, analisando a perspectiva social, é fato de que após a implantação de mudanças nos currículos das Escolas de Ensino Fundamental teremos com certeza uma coletividade muito mais preparada para enfrentar o presente cenário mundial e o mercado de trabalho que são permeados pela globalização, tecnologia digital frente a uma exposição/demanda linguística influenciada majoritariamente pela LI. Sem menosprezar o fato de desenvolver no indivíduo a segurança e satisfação pessoal de se apropriar de uma língua de prestígio que irá possibilitar a comunicação diversa com os “cidadãos do mundo” na esfera pessoal.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ESTADO DA ARTE E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para dar início a investigação do nosso tema foi necessário revisitar o que havia de mais eminente neste enfoque de pesquisa. Tornou-se necessário dialogar com essas concepções e expor também linhas de pensamento a respeito da prática do tema. Vejamos a seguir alguns artigos e suas problematizações:

O artigo *“A pesquisa no ensino de Língua Inglesa para crianças”* promove um resgate teórico sobre o ensino da Língua Inglesa para crianças que ainda não foram alfabetizadas na língua materna. (QUEIROZ e CARVALHO, 2010). As autoras começam tratando do interesse - cada vez mais frequente - dos pais em matricular seus filhos em escolas que ofereçam Língua Inglesa desde a Educação Infantil ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A oferta dessa modalidade de ensino ocorre predominantemente em escolas particulares, pois comporta uma clientela que considera importante a fluência na Língua Inglesa para o futuro acadêmico e profissional de seus filhos.

De modo geral, esses pais acreditam que o processo de aprendizado será mais fácil se os filhos aprenderem uma língua estrangeira ainda na infância, especialmente o inglês (QUEIROZ e CARVALHO, 2010). As autoras também apontam que os professores formados em Letras/Inglês não estão sendo bem preparados para dar aulas para as crianças pequenas, pois em suas formações falta o ensino da didática adequada para lecionar para esta faixa etária (QUEIROZ e CARVALHO, 2010).

O estudo de Queiroz e Carvalho (2010) descreve o caso de uma professora que planejou todo o ano letivo antes de ter contato com seus alunos, ou seja, antes de ter um panorama da turma, uma visão geral para então acontecer conversas e diálogos que iriam gradativamente expressar o contexto dos alunos, realidade da comunidade, preferências individuais e coisas que não gostavam a professora se antecipou e fechou o planejamento.

As autoras finalizam o artigo reafirmando a necessidade de se rever a formação do professor de Língua Inglesa, sabendo que ele precisa da pedagogia para atuar. Enfatizam também que o professor de Língua Estrangeira mais bem

sucedido será aquele que se coloca como um facilitador da interação para a aprendizagem, (QUEIROZ & CARVALHO, 2010)

Diante do que diz Rinaldi (2011, p. 27 apud PEREIRA e TONELLI, 2018, p 250) “não há professores legalmente habilitados para ensinar línguas estrangeiras para crianças dos primeiros anos do ensino fundamental e da educação infantil, porque não há formação que os capacite para atuar nesse segmento”; isso ser revisto por parte das instituições de ensino para que possa ocorrer melhoras na oferta do ensino da língua na escola pública.

Em seu trabalho sobre “*Ensino-aprendizagem de língua inglesa em anos iniciais do ensino fundamental: do planejamento ao alcance dos objetivos propostos*”, Santos (2010). apresenta e discute como se caracteriza a prática do docente de LI em um contexto específico de ensino, com base no fazer pedagógico de um grupo de professoras de Língua Estrangeira para Crianças. Esta autora realizou este estudo qualitativo (que foi parte de sua tese) com professoras do norte do estado do Mato Grosso, as quais foram acompanhadas durante um ano (SANTOS, 2010).

Santos (2010) descreve ainda que nos últimos anos a oferta de Língua Estrangeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental tem crescido e a escola se mostra ainda o único ambiente que propicia este aprendizado para a maioria das crianças. Ela aborda ao longo do texto que a criança deve estar dentro do processo de tomada de decisão no momento das aulas e planejamento, pois a escuta deve sempre acontecer. Os docentes precisam estar atentos às respostas dos alunos (SANTOS, 2010).

As quatro habilidades de comunicação são: escuta, fala, leitura escrita. Santos (2010) afirma também que é necessário haver contato auditivo frequente (e gradual) na língua alvo com os alunos durante as aulas e não somente trabalhar a língua na dimensão da escrita e leitura. O uso de figuras e demais recursos visuais/auditivos para melhor compreensão do conteúdo por parte das crianças e propostas de representação artística também foram pontuações feitas.

Santos (2010) esclarece que o planejamento deve ser cauteloso e preparado anteriormente a aula, visando imprevistos que podem vir a acontecer e todo o ambiente e contexto de uma aula com crianças pequenas. Todos os recursos e materiais para as propostas devem estar devidamente preparados, assim como as variações para adaptações se necessário; o tempo para cada atividade; assim

como saber de antemão os objetivos desejados para o desenvolvimento social, linguístico e intelectual dos alunos (SANTOS, 2010).

Os livros didáticos são uma boa opção se forem complementados de acordo com a realidade do contexto da comunidade escolar. Fazendo assim com que os conteúdos tenham significância e se apliquem na vida cotidiana dos alunos. Esta também deve ser a premissa para a escolha das temáticas e conteúdos a serem abordados com as crianças.

Outra questão interessante, trazida pela autora é de que se for possível, é bem-vindo relacionar/atrelar o que as crianças estão aprendendo em outros componentes curriculares, com as aulas de inglês (SANTOS, 2010).

Santos (2010) também relata que a queixa mais frequente entre as professoras entrevistadas é referente à ausência de recursos didáticos suficientes para as crianças manipularem e terem assim um melhor suporte visual como: livros didáticos, livros de literatura entre outros disponibilizados pela escola.

Santos (2010) finaliza o trabalho considerando que majoritariamente as professoras ainda priorizam a habilidade de escrita em seus planejamentos em detrimento de aulas mais dinamizadas (e da oferta de propostas que desenvolvam as outras habilidades de aprendizagem da LI). Tal conduta, não seria a mais apropriada para a faixa etária que compreende os alunos do 1º ao 5º do EF 1 até porque muitos destes alunos ainda estão no processo de alfabetização. O resultado desta observação e pesquisa nos faz atentar para a necessidade de entender os processos da criança, as fases e características do seu desenvolvimento não podem ser esquecidas ou desconsideradas, mas levadas em conta na hora do planejamento e do norteamento das práticas em sala.

No artigo “*Políticas de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras para crianças no Brasil: (re)discutindo fundamentos*”, os autores Chaguri e Tonelli (2019). começam expondo o pensamento de alguns teóricos, que concordam que todas as pessoas deveriam ter condições e acesso a aprendizagem de uma língua estrangeira - pois isso denuncia um caráter transformador e emancipatório em relação a história de vida do indivíduo (CHAGURI e TONELLI, 2019); - e que deve ser do interesse dos órgãos competentes criadores de políticas nacionais promover meios de que isso ocorra. E assim iniciam a busca de pesquisa bibliográfica sobre a existência de políticas públicas nesta área, assim como a apresentação de

questões que mostrem a importância e motivos de se ofertar uma Língua Estrangeira nas escolas públicas.

Os autores apresentam razões pelas quais as escolas do setor público poderiam se apropriar e considerar, para implementar a Língua Estrangeira (no caso do meu enfoque de pesquisa, a Língua Inglesa) em seu currículo:

- 1) apresentar a diferença cultural de nosso país confrontada à cultura, do país da língua-alvo; 2) possibilitar a compreensão dos valores e interesses por outras culturas; 3) desenvolver no aluno a capacidade de adquirir novos conhecimentos; 4) construir sua cidadania, de forma a explorar a cultura da LE, buscando novos saberes, novas ideias e uma nova visão de diferentes lugares, costumes e pessoas; 5) apreciação dos costumes e valores da outra cultura que contribuem para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da LE. (CHAGURI E TONELLI, 2019, p. 6)

Chaguri e Tonelli (2019) também pontuam alguns fatores na política de ensino da Língua Estrangeira de um país, são eles: Os atores (envolvidos neste processo de mudança); Os aspectos políticos e “ideológicos”; Os aspectos estruturais; O conhecimento técnico e a concepção de educação. É afirmado também que só haverá sucesso se a força para esse movimento evoque a concepção de que o indivíduo seria beneficiado com a oferta de Língua Estrangeira/Língua Inglesa no período do Ensino Fundamental, pois possivelmente ele estaria recebendo condições para no futuro desfrutar da Língua Inglesa “como resultado de sua formação humana; para viver bem em meio aos bens criados na sociedade” (CHAGURI e TONELLI, 2019, p.17). Desta forma os autores se opõem a oferta de LE apenas para uma consolidação da concepção que o sujeito precisa da LE para engordar o corpo de técnicos para desempenharem seus papéis profissionais em meio a demanda globalizada.

Vamos agora ao quarto artigo “*A aprendizagem de língua estrangeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental*” de Ferreira e Santos (2010). As autoras iniciam o texto afirmando que a aprendizagem da Língua Estrangeira ou Segunda Língua se dá, não somente em um ambiente permeado de falantes nativos, mas também ocorre por meio de uma aprendizagem guiada no ambiente da sala de aula; pontuam também que os alunos dos Anos Iniciais, têm mais facilidade para aprender uma segunda língua. Elas também desmistificam a crença popular que aprender Língua Inglesa a partir do primeiro ano dos Anos Iniciais, prejudica/atrasa o desenvolvimento da alfabetização da língua materna.

Vejamos o que diz Bastos (1996, p. 32 apud Ferreira e Santos, 2010, p.3):

Principalmente, o ensino de línguas estrangeiras deve enfatizar que os estereótipos atribuídos a cada povo, inclusive o nativo, não são absolutos, ou seja, nenhum povo é desse ou daquele jeito. O ser humano é complexo e alguma variação mais genérica de comportamento que possa existir não se deve a características inerentes aos povos.

Propomos que a citação acima nos mostra que com o ensino de línguas estrangeiras desde a mais tenra idade, estaremos como docentes e escola, possibilitando e promovendo apropriação de conhecimento que vai gerar entendimento e que por sua vez resulta em conscientização e respeito em relação a outros povos.

Outro assunto abordado é a questão do Período Crítico da Linguagem que é evidenciado que até os nove anos de idade a criança aprende diretamente, pois está propensa a isso e conta com a plasticidade cerebral. Após os doze anos, o aprendizado se torna indireto pois a plasticidade do cérebro diminui, é como se uma janela de oportunidade para o aprendizado eficaz e rápido fosse fechada (FERREIRA e SANTOS, 2010).

O texto de Ferreira e Santos (2010) também aborda que as crianças são mais interessadas em aprender uma segunda língua, o que facilita demais o processo; elas apresentam melhor desempenho fonológico ao utilizar a Segunda Língua. Assim como, elas também apresentam pouca ou nenhuma vergonha de usar a língua estrangeira em público, por terem menos paradigmas de vergonha e medo, por exemplo as crianças não apresentam tantas resistências na hora de praticar a comunicação em Língua Estrangeira. É apresentado que há evidências científicas que a estrutura do cérebro do falante bilíngue é modificada neste processo de aprendizagem da Segunda Língua e uso das duas línguas.

É pontuado que o professor de Língua Estrangeira para Crianças deve ensinar de maneira que use a linguagem da brincadeira e que o enfoque em suas aulas não seja no ensino de gramática pois as crianças não têm facilidade para apropriar-se de conceitos abstratos. E além disso nesta faixa etária, elas não dispõem de tanto tempo de atenção, o que demanda dos docentes propostas que sejam atrativas e planejadas para atingirem o foco em um tempo determinado/delimitado (FERREIRA e SANTOS, 2010).

Portanto seria interessante ofertar momentos de música e jogos para estes estudantes de 6 a 10 anos, conforme sugerido por Ferreira e Santos (2010), os quais argumentam que, se o ensino de uma Segunda Língua for ministrada durante

o processo de alfabetização da língua materna, a criança não deve ser bombardeada de aulas intencionadas com foco na habilidade da escrita. Ao contrário, o foco do professor deve ser ofertar vocabulário, propostas e atividades criativas que evoquem um ambiente de naturalidade, diálogo e brincadeira para que este processo seja prazeroso e efetivo.

De acordo com os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul (2009, p. 127 apud FERREIRA E SANTOS, 2010, p. 11):

[...] as aulas de Espanhol e de Inglês podem promover o desenvolvimento da curiosidade intelectual e do gosto pelo conhecimento e, através da consciência do outro, o exercício da negociação de conflitos, da colaboração e da solidariedade para a formação do senso ético e participação crítica na sociedade.

Portanto é necessário que tais objetivos sejam difundidos e esclarecidos para os docentes da Educação Básica que ministram aulas de Língua Estrangeira, para que em consonância com o que prevê a Legislação Estadual possam ocorrer práticas significativas em aulas que abarquem os objetivos e ações inerentes a idade e período crítico do estágio de vida da criança e assim esta possa desfrutar dos benefícios da comunicação que a L2 pode ofertar.

Em conformidade, vejamos o que disse Gadotti (2003, p. 54 apud PEREIRA e TONELLI, 2018, p. 250) afirma que “para ensinar são necessárias principalmente três coisas: gostar de aprender, ter prazer em ensinar, e amar o aprendente”. Deve haver uma postura alegre e solidária por parte do professor, para que o aluno se sinta impelido e motivado a aprender/ buscar conhecimento.

Finalizando, apresento o quinto artigo, chamado: “*O papel dos cursos de Letras na formação de professores de inglês para crianças*” de Tonelli e Cristovão (2010). As autoras criticam a formação dos professores de Letras em virtude de o currículo não oferecer, por exemplo, disciplinas de desenvolvimento da criança e aprendizagem na infância.

Os cursos de licenciatura em línguas modernas apenas têm centrado seu foco na formação de docentes que irão lecionar a partir do sexto ano do ensino fundamental. E aí está uma grande problemática: já está mais que comprovado o crescimento da oferta, em escolas, do componente curricular Língua Inglesa na EI (em escolas particulares) e no primeiro ciclo do EF (também em escolas públicas); então porquê ainda as grades dos cursos não se modificaram? Tais cursos devem

se basear no curso de pedagogia para se apropriar de disciplinas importantíssimas para a docência das crianças, que devem compor o currículo de formação oferecido em suas instituições. A citação abaixo aborda essa problemática:

Quem termina um curso de graduação em Letras ou um bom curso livre de inglês e tem um ótimo currículo em língua pode estar bem preparado para ensinar adultos e adolescentes, mas não ter o menor conhecimento sobre educação de crianças menores de seis anos de idade. Já quem cursou magistério ou pedagogia e/ou algum outro curso de formação em educação infantil pode ser um excelente professor para crianças de até seis anos, mas não possui conhecimento de inglês suficiente para não cometer erros de pronúncia e de gramática que podem comprometer o futuro de seus alunos como estudantes de língua estrangeira (PIRES, 2004, p. 20 apud TONELLI E CRISTOVÃO, 2010, p.3).

2.3 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL

2.3.1 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

A LDBEN 9394/96 carrega em seu bojo um avanço no que diz respeito à oferta de uma língua estrangeira; antes poderia ser qualquer LE (Língua Estrangeira) mas agora há a obrigatoriedade de ser a LI (Língua Inglesa). Tal fato é muito positivo pois sabemos que o aluno ter contato com uma segunda língua já trará benefícios a ele, ainda mais com uma língua que atualmente é considerada franca; pois está em todas as áreas da sociedade se sobressaindo de maneira imponente, majoritariamente nas relações de comunicação.

Neste documento, o artigo 26 que dispõe do currículo, traz em seu parágrafo 5º a obrigatoriedade do Ensino da LI a partir do sexto ano do EF. Vejamos “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa”. (BRASIL,1996)

Vemos também no artigo 24, inciso IV que: “poderão organizar-se classes, ou turmas, de níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de LE, artes, ou outros componentes curriculares” (BRASIL, 1996). Esta colocação legal pode ampliar horizontes de escolas e municípios que querem embasar algum projeto em premissas da lei para aperfeiçoar a proposta do ensino de linguagens.

2.3.2 Base Nacional Comum Curricular

A ênfase da BNCC em relação à Língua Inglesa é esta: ela não será mais considerada apenas uma língua falada, por exemplo, em países como Estados Unidos e Canadá, mas sim como uma língua que muitas pessoas adotaram entre si para se comunicarem diante de um mundo completamente globalizado. Portanto houve uma mudança de conceito. Vejamos mais detalhes, da projeção da BNCC (2019) em relação a oferta da LI:

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. Assim, o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos. É esse caráter **formativo** que inscreve a aprendizagem de inglês em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, na qual as dimensões pedagógicas e políticas estão intrinsecamente ligadas. (BNCC,2019)

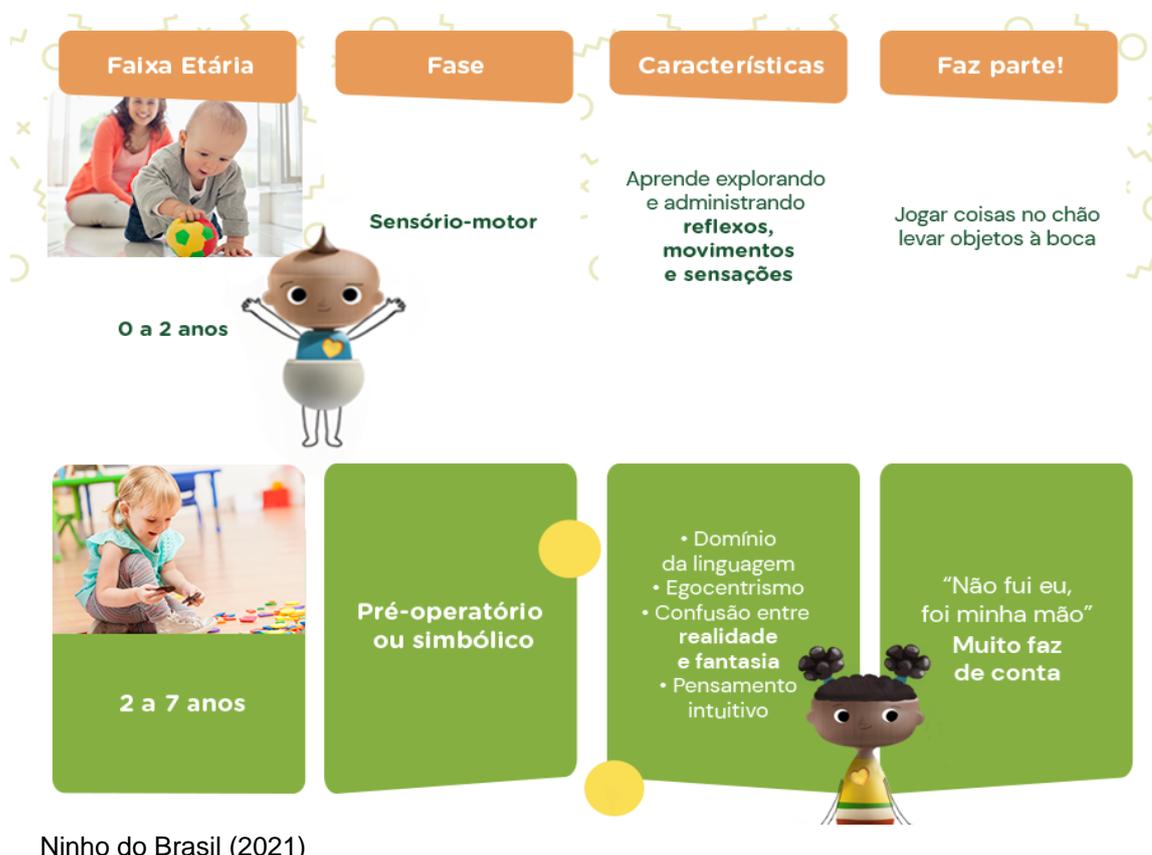
De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2019) é importante ressaltar que agora as aulas não mais deverão ser estruturadas/organizadas baseando-se em tópicos gramaticais mas sim em eixos - oralidade, escrita, leitura e conhecimentos linguísticos - ou seja, práticas de linguagem. Sendo assim:

É imprescindível dizer que esses eixos, embora tratados de forma separada na explicitação da BNCC, estão intrinsecamente ligados nas práticas sociais de usos da língua inglesa e devem ser assim trabalhados nas situações de aprendizagem propostas no contexto escolar. Em outras palavras, é a **língua em uso, sempre híbrida, polifônica e multimodal** que leva ao estudo de suas características específicas, não devendo ser nenhum dos eixos, sobretudo o de Conhecimentos linguísticos, tratado como pré-requisito para esse uso. (BNCC,2019)

Segundo Durazzo, (2018) esta é mais uma modificação significativa na perspectiva de ensino da LI pois deixa as aulas muito mais dinâmicas, realistas e interativas: trazendo o objeto do conhecimento para a realidade do dia a dia. Sendo assim, o aluno aprenderá a se comunicar na LI através da prática do uso da língua, em situações reais de necessidade. Isso é primordial para os alunos dos AI que, segundo Piaget (figura 1), estão na fase de desenvolvimento operacional concreto

- período em que as experiências concretas são suporte para o aprendizado e as crianças já começam a fazer relações entre conceitos aprendidos.

Figura 1 -. Fases 1 e 2 do Desenvolvimento - Jean Piaget



Ninho do Brasil (2021)

É necessário descrever aqui os objetivos primários para este componente curricular nesta etapa do Ensino Fundamental:

1. Identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural, refletindo, criticamente, sobre como a aprendizagem da língua inglesa contribui para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, inclusive no que concerne ao mundo do trabalho.
2. Comunicar-se na língua inglesa, por meio do uso variado de linguagens em mídias impressas ou digitais, reconhecendo-a como ferramenta de acesso ao conhecimento, de ampliação das perspectivas e de possibilidades para a compreensão dos valores e interesses de outras culturas e para o exercício do protagonismo social.
3. Identificar similaridades e diferenças entre a língua inglesa e a língua materna/outras línguas, articulando-as a aspectos sociais, culturais e identitários, em uma relação intrínseca entre língua, cultura e identidade.
4. Elaborar repertórios linguístico-discursivos da língua inglesa, usados em diferentes países e por grupos sociais distintos dentro de um mesmo país, de modo a reconhecer a diversidade linguística como direito e valorizar os usos heterogêneos, híbridos e multimodais emergentes nas sociedades contemporâneas.

5. Utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável.
6. Conhecer diferentes patrimônios culturais, materiais e imateriais, difundidos na língua inglesa, com vistas ao exercício da fruição e da ampliação de perspectivas no contato com diferentes manifestações artístico-culturais. (BNCC, 2017)

Como ainda não há oferta obrigatória da LI para a EI e para os AI do EF I, podemos afirmar que apesar de tais avanços/atualizações da LDB ainda esperamos que a Língua Inglesa seja ofertada a partir do EF I, contendo períodos adequados de aula para que assim se desenvolva uma estrutura de plano de ensino mais propícia à aprendizagem efetiva dos alunos e quem dera em um futuro não tão distante a Educação Infantil possa contemplar a LI em seu currículo.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida em três etapas básicas. A primeira, envolveu o levantamento bibliográfico que alicerçou todas as demais; a segunda, realizou a elaboração e aplicação de questionários; e a terceira, encerrou o estudo com a análise dos resultados obtidos.

A pesquisa bibliográfica se utilizou de fontes obtidas em meio eletrônico, sendo realizada através de consultas a artigos e notas científicas, publicados em periódicos reconhecidos na área, e a livros e revistas voltados para esse tipo de especialidade - Ensino de Língua Estrangeira Moderna/Segunda Língua (L2) - para crianças. Também foram consultadas monografias, dissertações e teses, além de anais de eventos científicos e trabalhos técnicos. O acesso à maior parte da bibliografia foi obtido junto a sites fidedignos da Internet, como sites governamentais, sites oficiais de Instituições de Ensino Superior, sites de Institutos, Fundações, Entidades, Organizações, entre outros. Foram amplamente utilizadas bases de dados online como: SciELO, Periódicos Capes, *Web of Science*, Google Acadêmico, Science.gov, ScienceResearch.com, BDTD, entre outros.

A consulta em meio eletrônico fez uma revisão dos trabalhos publicados desde o ano de 2002 até o presente, dando preferência àqueles relacionados com o ensino de língua estrangeira para as crianças da Educação Infantil e os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dentre as subáreas examinadas foi dada primazia àquelas correlacionadas, principalmente, com o ensino da língua inglesa no Brasil, voltado para crianças. Foram considerados os periódicos de maior relevância em cada área, o que será estimado através da classificação Qualis Capes acima de B5.

Para refinar a busca online foram utilizadas palavras-chave como: “educação infantil”, “ensino fundamental”, “séries iniciais”, “língua estrangeira moderna”, “língua inglesa”, “alfabetização bilíngue”, “crianças/alunos bilíngues”, “inglês na infância”, “metodologias de ensino de língua estrangeira”, “recursos didáticos específicos para o ensino de língua estrangeira”, “formação docente voltada ao ensino de língua estrangeira para crianças”, “políticas públicas para o fomento do ensino de língua estrangeira no Brasil”, “desenvolvimento cognitivo da criança bilíngue”, etc. As palavras foram digitadas isoladamente ou de maneira combinada durante a busca, dependendo do nível de refinamento buscado.

Os resultados foram compilados e organizados na forma de texto, contendo: 1) revisão da literatura, compreendendo os trabalhos pioneiros, os de alta relevância, e os de vanguarda sobre o assunto; 2) fundamentação teórica, abrangendo as principais concepções e linhas de pensamento que embasam o tema, além de definições e conceitos básicos para a sua compreensão; 3) fundamentação legal, contendo normas e dispositivos legais que remetem, direta ou indiretamente, ao assunto abordado.

A segunda etapa da pesquisa envolveu a elaboração dos questionários. Foram utilizados dois tipos de questionários, um deles destinado aos gestores das escolas de Educação Básica, e outro destinado aos professores com formação em Letras Inglês com experiência na EI e nos anos iniciais do EF.

Não houve critério específico para a seleção/ definição dos respondentes. O questionário dos gestores tinha duas questões abertas, enquanto o dos professores tinha 15 questões semi-estruturadas (com respostas abertas e fechadas); as quais estão explicitadas na discussão dos resultados.

Os questionários foram escolhidos porque são as formas mais usadas para coletar dados e possibilitam medir com melhor exatidão o que se deseja, de acordo com Silva *et al.* (2013). Para Cervo e Bervian (2002, p. 17 apud SILVA et al., 2013), o questionário "contém um conjunto de questões logicamente relacionadas com o problema da pesquisa e pode ser aplicado simultaneamente a um número grande de indivíduos".

O fato de os questionários não serem totalmente estruturados dificultou um pouco a análise dos mesmos, em virtude de a maior parte das respostas serem "abertas", pois se constituem de respostas livres, que variaram bastante de um indivíduo para outro (SILVA et al., 2013 p. 17). Contudo, os questionários elaborados neste trabalho possuíam uma "estrutura" conceitual pois, de acordo com o Manual Uergs (SILVA et al., 2013), um questionário consiste em fazer uma série de perguntas a um informante, seguindo roteiros preestabelecidos, através de um formulário, o qual é aplicado da mesma forma a todos os informantes.

A etapa do projeto que envolveu a aplicação dos questionários ocorreu no primeiro semestre de 2022. Os questionários foram enviados por e-mail para 13 participantes. Não foi utilizado nenhum formulário padrão específico. As questões foram anexadas ao e-mail através de um arquivo de texto semelhante ao Microsoft *Word*®. Depois de algum tempo, que variou bastante de uma pessoa para

a outra, os informantes retornaram a mensagem eletrônica para nós, com o formulário respondido. Cabe salientar que apenas nove questionários foram devolvidos e, por isso, que trabalhamos apenas com o material recebido até o fechamento da redação desta monografia.

A escolha do questionário como instrumento de pesquisa ocorreu pelo fato deste possibilitar que os pesquisados pudessem respondê-lo de acordo com sua disponibilidade de tempo, porque segundo Goldenberg (2004, p. 87):

Os pesquisados se sentem mais livres para exprimir opiniões que temem ser desaprovadas ou que poderiam colocá-los em dificuldades e tem menor pressão para uma resposta imediata, podendo pensar com calma para responder.

Cabe ressaltar também que todos os participantes foram esclarecidos sobre os objetivos do questionário e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que fosse dada a sua anuência em participar da pesquisa.

A terceira etapa deste estudo envolveu a interpretação dos questionários. Como havia apenas questões abertas, a investigação dos dados foi qualitativa. Para análise das respostas subjetivas foram buscados subsídios na bibliografia especializada.

Tanto quanto possível, a autora procurou fazer uso da “análise de conteúdos” como técnica de interpretação dos resultados. Segundo Bardin (2006) esta técnica de análise trabalha procedimentos sistemáticos que auxiliam na classificação dos dados de materiais textuais escritos e na descrição dos conteúdos das mensagens. A análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre indicadores (quantitativos ou não) (BARDIN, 2006, p. 38).

Enfim, a análise de conteúdo requer como subsídio um referencial teórico bem construído e bem fundamentado, entendendo-se também ser de extrema importância haver um prévio conhecimento do assunto por parte do pesquisador para que haja compreensão do contexto dos dados de forma mais concreta (Bardin, 2006).

Todos os dados deste estudo foram sistematizados usando editor de texto semelhante ao *Microsoft Office Word*®. A formatação desta monografia seguiu os Manuais de trabalhos acadêmicos e científicos da UERGS (SILVA et al. 2013;

HENTGES et al., 2018).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

Ao todo, nove participantes responderam os questionários, as quais estão caracterizadas no Quadro 01 logo abaixo.

Quadro 01 – Perfil dos informantes

Nº	Identificação dos participantes	FORMAÇÃO PROFISSIONAL		Tempo de atuação profissional	Instituição de vinculação profissional
		Graduação	Pós-graduação		
1	Gestor 1	Matemática	Sim - Especialização	12 anos	Escola Pública
2	Gestor 2	Pedagogia	Psicopedagogia Clínica e Institucional, Coordenação Pedagógica, Supervisão Escolar, Neuropsicopedagogia Alfabetização e Letramento, Metodologias Ativas, Educação Especial e Inclusiva	15 anos	Escola Privada
3	Gestor 3	Pedagogia	Psicomotricidade	20 anos	Escola Pública
4	Gestor 4	Pedagogia	Autismo	04 anos	Escola Pública
5	Gestor 5	Pedagogia	TGD e Altas Habilidades	01 ano	Escola Pública
6	Professor 1	Letras Inglês	Sim - Especialização	19 anos	Escola Pública + Curso de Idiomas
7	Professor 2	Letras Inglês	Sim - Especialização	18 anos	Escola Pública + Curso de Idiomas
8	Professor 3	Letras Inglês	Não	10 anos	Escola Privada + Curso de Idiomas
9	Professor 4	Letras Inglês	Sim - Especialização	12 anos	Escola Pública

Fonte: autora (2022)

4.2 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS

Apresentamos a seguir os resultados da análise realizada, seguida da interpretação dos dados, obtidos através dos questionários respondidos pelos informantes.

Quadro 2 – Enunciado da Questão 1 e respostas dos participantes

QUESTÃO 1	
Você considera importante o aprendizado da Língua Inglesa para os alunos da escola pública?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
GESTORES	
Gestor 1	“Sim e é importante destacar que as aulas devem ser planejadas respeitando a faixa etária, promovendo atividades lúdicas e criativas”
Gestor 2	“Sim, considero de suma importância.”
Gestor 3	Não informado
Gestor 4	“Em relação a escola pública, entendo que o poder público tenha a obrigação de estar alinhado com as necessidades e demandas que a sociedade impõe aos alunos/cidadãos, oferecendo ferramentas necessárias para esse enfrentamento. é injusto falar em “meritocracia” sem oferecer à alunos da escola pública condições semelhantes aos estudantes da educação privada.”
Gestor 5	“Vivemos num mundo globalizado. Nunca foi tão necessário aprendermos a nos comunicar em outras línguas e formas de linguagens.”
PROFESSORES	
Professor 1	“A língua Inglesa está presente nos mais diversos contextos vivenciados pelos alunos desde a mais tenra idade. Quanto mais jovens, maior a facilidade de aprenderem e se envolverem de forma positiva com o idioma.”
Professor 2	“Sim. Aprender um segundo idioma é mais do que importante, é uma necessidade, para fins de comunicação, mercado de trabalho, visão global de mundo.”
Professor 3	“O aprendizado da língua inglesa é necessário para todos, de modo geral, independentemente de classe social, pois além de ser a língua falada universalmente, o bilinguismo oferece muitas vantagens profissionais, cognitivas, sociais e até mesmo em relação à saúde e bem-estar, sendo capaz de atrasar em torno de cinco anos os primeiros sintomas de Alzheimer. Absolutamente todas as crianças deveriam ter ensino de qualidade da língua inglesa, desde os anos iniciais.”
Professor 4	“Considero importante o aprendizado de uma segunda língua em qualquer rede Ensino.”

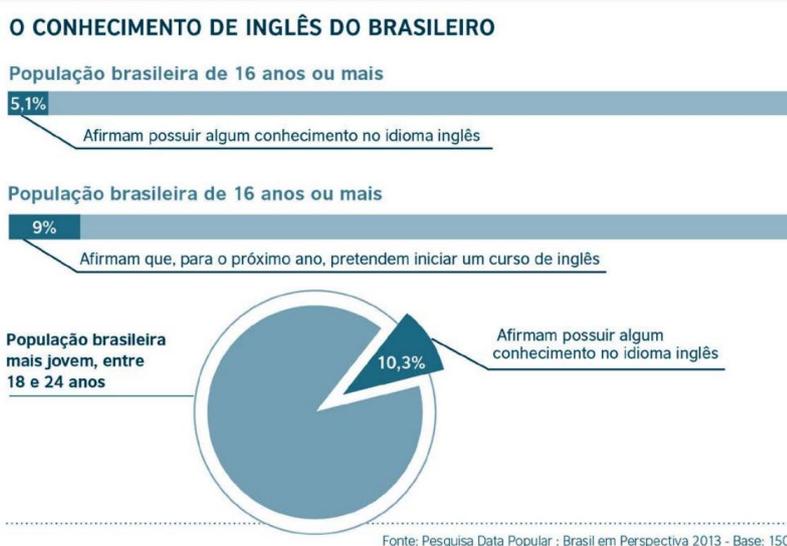
Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 1

Na primeira questão, há um consenso entre os entrevistados sobre a importância de os alunos da escola pública receberem a oferta da Língua Inglesa. Não se deve somente levar em conta o mundo globalizado, mas também as necessidades de comunicação presentes e a compreensão de informações que hoje recebemos por meio de notícias, pesquisas/estudos e sistemas operacionais diversos (nas mais variadas empresas e estabelecimentos comerciais), majoritariamente na LI.

É evidente que os estudantes de Ensino Público estão defasados no processo de aprendizagem, e não podemos encarar este cenário como aceitável. Observando a Figura 2 (BRITISH COUNCIL, 2014), é possível perceber que apenas 10,3% da população brasileira entre 18 e 24 anos, sendo estes de classe média e classe alta, afirmam ter algum conhecimento de LI sendo que 47% dos entrevistados se classificam com nível básico.

Figura 2 – O conhecimento de Inglês do Brasileiro



Fonte: British Council (2014)

Levando em consideração que as referidas classes sociais têm estes números - segundo a Figura 3 de British Council (2014) - é entristecedor pensar no que a classe baixa enfrenta - esta que tem um público não possuinte de condições financeiras e de tempo para ingressar em cursos de inglês.

Figura 3 - População que fala Inglês por faixa etária e classe

POPULAÇÃO QUE FALA INGLÊS POR FAIXA ETÁRIA E CLASSE**Faixa etária****Classe**

Fonte: British Council (2014)

Problematizamos que a competitividade aumenta sobremaneira para este público, frente às demandas do mercado de trabalho. Pensando nisso, e relacionando estas informações com a resposta da gestora “número 4”, vemos que o governo deveria buscar se posicionar com verbas e ações para ampliar a carga horária da LI no currículo e assim, solidificar o processo de ensino-aprendizagem na área das Linguagens e avançar na promoção deste componente curricular, para que os estudantes tenham capacitação mínima para adentrar em cargos de trabalho que solicitem/exijam algum nível de fluência no idioma, quer seja para compreensão de softwares ou comunicação com clientes. Por mais que esse não seja o único objetivo/razão para se promoverem políticas públicas de ampliação de oferta, ao nosso ver, é a maior necessidade que nosso país enfrenta nesta área específica. Em suma, deve-se buscar que o Estado e as partes interessadas (professores, gestores de escolas, secretários da educação, etc.) entrem em acordo sobre a necessidade da LE e a representatividade que a LI exercerá sobre o discurso e produção de significado na cultura de nosso país e na realidade dos alunos, e assim buscar fortalecer a demanda para que se desencadeie uma manifestação executora destas Políticas Públicas que ainda não existem.

Quadro 3 – Enunciado da Questão 2 e respostas dos participantes

QUESTÃO 2	
Você considera importante o aprendizado da Língua Inglesa nos Anos Iniciais do EF - para alunos da Escola Pública?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
GESTORES	
Gestor 1	“Sim. Estamos na Era do Metaverso e a Língua Inglesa é extremamente importante no mundo digital e da programação.”
Gestor 2	“Sim. Na escola que atuo, o Inglês inicia-se na Educação Infantil 3 (crianças de 03 anos), com cinco períodos semanais de aulas com o professor especializado. Em Canoas somos a única Rede de Escolas que possuem a carga horária mais elevada no componente de Língua Inglesa. Nossos alunos apresentam ótima interação e recebem a língua de forma prazerosa e seguem ao longo da vida escolar com um conhecimento bem amplo de vocabulário e pronúncia excelente. Importante salientar que o material utilizado junto ao sistema positivo é o Pes.LanguageProgram, estes livros são produzidos pela Cambridge University Press, nossos alunos são avaliados ao final de cada nível de ensino e recebem certificação internacional. Para ser professor na rede de escolas, a equipe passa por avaliações por profissionais que atuam no próprio sistema de ensino positivo com todos os quesitos exigidos pela CAMBRIDGE. A introdução do componente curricular de língua inglesa já na educação infantil 3, busca tornar esta segunda língua mais próxima das crianças e elas neurologicamente falando, são capazes de oficializar esta aprendizagem rapidamente; sem futuramente correr a atrás do início do processo de alfabetização já que são influenciadas pelo meio e com uma bagagem neurológica maior.”
Gestor 3	“Sim. Porque acompanhando o mundo globalizado o profissional que adquirir a proficiência em Inglês se destaca e se torna um profissional mais bem valorizado no mercado de trabalho, além de convivermos cada vez mais com vários nomes e expressões do dia a dia em Inglês, é saber se comunicar com o mundo...”
Gestor 4	“Sim. Acredito que a aquisição de uma segunda língua acontece de forma mais efetiva em paralelo com o processo de alfabetização. em relação a língua inglesa essa importância é maximizada pela relevância desse idioma no contexto de comunicação a nível mundial e de inserção em um mercado de trabalho cada vez mais globalizado.”
Gestor 5	“Sim. Desde pequenos temos condições de desenvolver habilidades de aquisição em outras formas de comunicação linguística.”
PROFESSORES	
Professor 1	“A língua Inglesa está presente nos mais diversos contextos vivenciados pelos alunos desde a mais tenra idade. Quanto mais jovens, maior a facilidade de aprenderem e se envolverem de forma positiva com o idioma.”
Professor 2	“Sim. Nesta fase em função da excelente plasticidade cerebral, os alunos aprendem e desenvolvem a nova língua de forma mais natural e proveitosa.”
Professor 3	“Sim. Inúmeras pesquisas já demonstraram que existe uma janela de aprendizado que se dá de forma natural, desde o nascimento até por volta dos 11 anos de idade, momento esse em que a plasticidade cerebral passa a perder força.”
Professor 4	“Acredito que quanto mais cedo seja iniciado a aprendizagem melhor será o desenvolvimento da criança ao longo de sua vida escolar e mais efetivo será o aprendizado.”

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 2

Na segunda questão, as ideias conversam entre si, acordando com a ideia de que quanto mais cedo se é exposto à Língua, melhor para a criança/estudante. Dos nove entrevistados, cinco expuseram claramente que acreditam que quanto mais jovem, mais o aprendizado ocorre efetivamente. Por causa de uma janela de oportunidade que está “aberta”.

Em cada fase da Infância é necessário saber identificar os Períodos Sensíveis, propostos por Montessori (Figura 4), que os indivíduos atravessam ao longo dos anos, pois com esse entendimento o professor irá delinear com eficiência e clareza propostas (possivelmente) mais coerentes e adequadas à realidade do desenvolvimento cognitivo, motor, neurológico e psicológico da criança; facilitando assim todo o processo de aprendizagem da LI.

Figura 4. Tabela dos Períodos (Estágios) de Crescimento por Maria Montessori

THE PERIODS (STAGES) OF GROWTH			
INFANCY	CHILDHOOD	ADOLESCENCE	MATURITY
0yrs	3yrs	6	9
6	12	15	18
18	21	24	
Construction of the individual		Development Period	
Creative Period		Development Period	
Spiritual Embryo comprises:- <ul style="list-style-type: none"> Absorbent mind – horms, memes and nebulae Sensitive phases: <ul style="list-style-type: none"> Order Refinement of the senses Language Movement Small Objects Socialisation 		Features: <ul style="list-style-type: none"> The why of things Moving from concrete to abstract Development of moral sense Further social development – love of the group to which he/she belongs Culture creativity 	
STRUCTURED ENVIRONMENT		STRUCTURED ENVIRONMENT	
'The furniture children'		Earth Children	
The age of serenity and rudeness		The age of happiness	

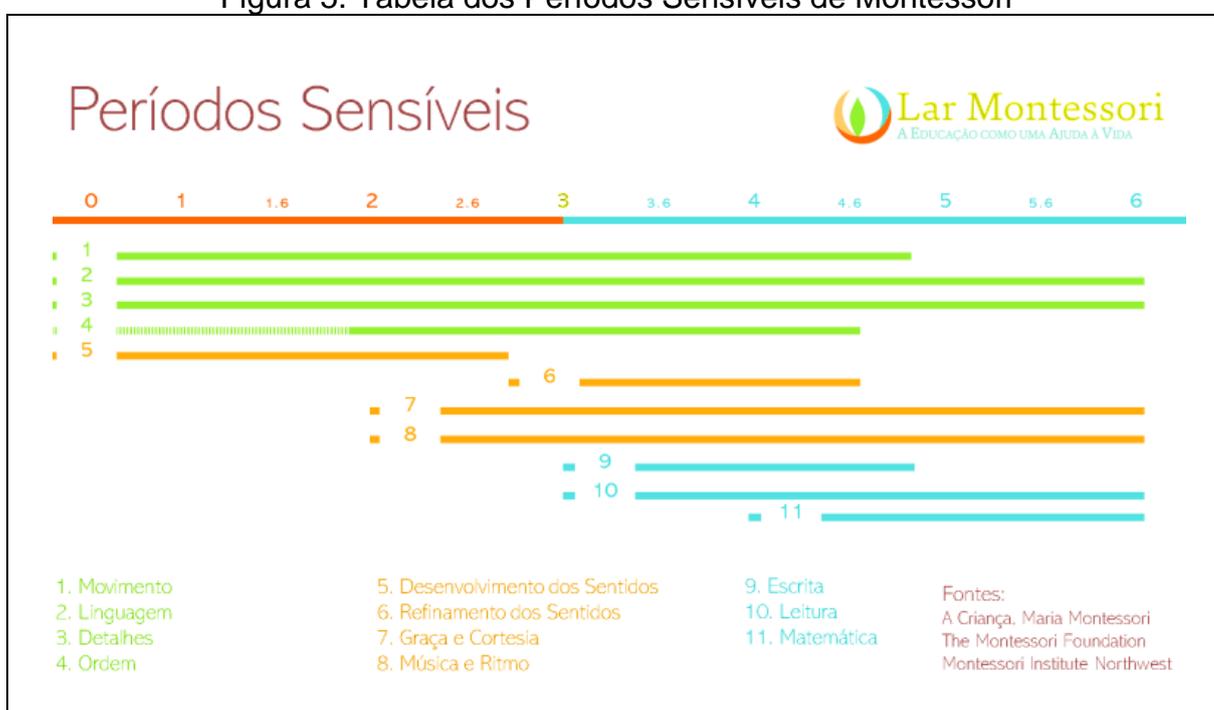
'DEVELOPMENT IS A SERIES OF REBIRTH' – The Absorbent Mind Dr. Maria Montessori

Fonte: Ratner Montessori School (2022)

Desta forma, a criança estará aprendendo conforme a maturidade do corpo e com as “janelas” que se abrem em um período específico, gerando interesses mais direcionados. Diante disso, não é importante somente refletir no “quando” ofertar cada tipo de conteúdo, mas “como” ofertá-lo, pois esse quesito fará toda a diferença no ambiente de aprendizagem que se constrói e que influencia a criança modelando-a ou não a “se abrir” para aprender.

Observando a Figura 4 acima e a Figura 5 abaixo, podemos refletir que o momento ideal para uma criança experienciar a aprendizagem de uma segunda língua (L2) seria na faixa etária de 0 a 6 anos, pois este é o **Período Sensível da Linguagem**.

Figura 5. Tabela dos Períodos Sensíveis de Montessori



Fonte: Lar Montessori (2019)

Este momento (0-6 anos) também é considerado o da construção do indivíduo e Período de criatividade. Porém pensando na realidade no Brasil, se a criança tivesse a oportunidade de começar a viver isso a partir do primeiro ano do EF já veríamos um grande avanço, pois ainda se estaria dentro da janela da oportunidade. Quem dera pudéssemos contar com o início destas aulas (sessões lúdicas) de LI na EI.

Quadro 4 – Enunciado da Questão 3 e respostas dos participantes

QUESTÃO 3	
Você já lecionou para crianças na Educação Infantil?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	Todos os professores responderam afirmativamente esta pergunta. 100% de respostas “sim”.
Professor 2	
Professor 3	
Professor 4	

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 3

Com estas respostas pudemos ver que as professoras entrevistadas já tiveram a oportunidade de lecionar para a faixa etária de 0 aos 6 anos, tendo então, propriedade para falar sobre o impacto da L2/ LI na vida dos alunos do EF.

Quadro 5 – Enunciado da Questão 4 e respostas dos participantes

QUESTÃO 4	
Você se sentia satisfeita com as diretrizes da escola para o currículo e práticas para esta etapa da Educação Básica, oferecidas pela instituição?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	“Sim. Apesar das escolas terem seus próprios currículos eu sempre tive liberdade para desenvolver minhas aulas.”
Professor 2	“Sim. A escola dispunha de uma boa carga horária para o idioma, cinco períodos semanais, e uma proposta lúdica, atrativa e contextualizada.”
Professor 3	“Não. A aquisição natural da língua se dá através do contato diário com o idioma, de modo lúdico e dinâmico. Para isso acontecer, seria necessário que as escolas proporcionassem momentos diários e eficazes na língua inglesa, com brincadeiras, músicas, interações em situações reais (aula de culinária, cuidar de um jardim, organizar brinquedos...). Porém, o que se tem na maioria dos casos é uma aula diária com uso de material didático sobre assuntos irrelevantes e diálogos pré estruturados, oferecendo pouca oportunidade para que os alunos façam uso do idioma. Além disso, falta profissional preparado e com incentivos para fazer um trabalho mais elaborado.
Professor 4	“Sim”

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 4

Temos três respostas positivas e uma negativa. Salientamos que a escola que tem cinco períodos semanais de língua inglês é privada. Essa poderia ser também a realidade das Escolas públicas brasileiras. O professor 3 destaca sua insatisfação com o currículo, alegando que as aulas de inglês não possuem periodicidade diária, abordam conteúdos irrelevantes e geralmente “engessados”. Ao final salienta ainda a formação deficitária dos profissionais de educação e a falta de incentivos para a realização de um trabalho mais elaborado, possivelmente se referindo aos desafios frequentes, enfrentados por todos os profissionais de educação brasileiros, que é a inexistência de recursos didáticos – acessíveis e gratuitos - para a realização de aulas mais completas. Concordamos com a explanação da professora 3 que levantou questões sobre que a escola não levava em conta o modo que a criança adquire a segunda língua, pois isso se dá de maneira natural, do dia a dia, se utilizando da língua para uma comunicação efetiva. Sugere-se aqui que para isso acontecer é necessário amplitude de tempo em sala – e não somente em sala – mas em outros ambientes da escola, como por exemplo pátio, jardim, biblioteca, no parque/ pracinha da escola.... Para que assim a criança realmente “viva” o idioma. Pode haver uma escala de aulas em ambientes diversos, para que se possibilite novidade de experiências e que as crianças saiam da “estrutura padrão” de estarem sentados à mesa, durante todo o período e em todas as aulas, de uma maneira muito tradicional. Os professores e gestores precisam avaliar estas questões para modificar a metodologia do plano de ensino.

Quadro 6 – Enunciado da Questão nº. 5 e respostas dos participantes

QUESTÃO nº. 5	
Você considera interessante ou necessário lançar mão de Contação de Histórias (literatura), jogos e material visual, auditivo e concreto como recursos para as aulas?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	Todos os professores responderam afirmativamente esta pergunta. 100% de respostas “sim”.
Professor 2	
Professor 3	
Professor 4	

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 5

Todas as professoras entrevistadas acordam que é fundamental lançar mão de recursos diversos, que vão além do básico - livro didático/aula expositiva - nas aulas de LI.

Quadro 7 – Enunciado da Questão nº. 6 e respostas dos participantes

QUESTÃO 6	
Sobre as perguntas acima, para qual/is etapas da Educação Básica?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	Os professores foram unânimes em responder “todas as etapas” para esta pergunta.
Professor 2	
Professor 3	
Professor 4	

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 6

É unânime a posição das docentes: não são somente as crianças da EI que precisam receber amplitude de possibilidades e recursos diversos nas propostas das aulas de LI, mas todas as etapas da Educação Básica deveriam receber materiais concretos, sensoriais (músicas, personagens das histórias em diferentes texturas e formatos, representação de vocabulário de maneira, cinestésica e atrativa (teatro de sombras, dobradura, peças de madeira, representações de tecido, lixa, feltro, etc.) para despertar o interesse dos estudantes.

Quadro 8 – Enunciado da Questão nº. 7 e respostas dos participantes

QUESTÃO 7	
Existem diferenças na didática e dinâmica das aulas para a Educação Infantil em relação aos alunos do Ensino Fundamental?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	Todos os professores responderam afirmativamente esta pergunta.
Professor 2	
Professor 3	
Professor 4	
100% de respostas “sim”.	

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 7

Se iniciarmos o processo de aprendizagem de uma L2 de maneira adequada, estaremos facilitando todo o processo; suavizando a jornada da apropriação e compreensão dos novos fonemas e das novas estruturas (da língua e pronúncias) apresentadas.

Portanto deve-se atentar para: a dinâmica e fluidez da aula; a programação do tempo faz toda a diferença e pode interferir na execução das propostas, por isso é necessário se organizar para não se delongar em uma mesma proposta, observando os períodos de pausa para o cérebro “descansar” - os chamados *brain breaks* - e também a maneira de como tudo será apresentado/desenvolvido.

Por isso, a importância de usar a criatividade e a ludicidade ao abordar os temas e conteúdos em geral. E buscar se inteirar a respeito do tempo de concentração de cada faixa etária e o que mais chama a atenção deles.

Assim como, explorar o contexto da comunidade e famílias da turma, para aproximar as aulas da realidade deles. É imprescindível fazer relações nas aulas com o que está sendo ensinado/aprendido com acontecimentos do dia a dia. Segundo Montessori, a criança desenvolve linguagem à medida que está interagindo com os pares, e tendo acesso ou contato com a cultura e a natureza. Estes conceitos, podem engajar os alunos e facilitar com que o interesse aumente e permaneça para a etapa do Ensino Fundamental - evitando que barreiras/resistências sejam estabelecidas neste processo.

Para tanto é necessário que se esclareça a idade que poderíamos incluir a Língua Inglesa no currículo da Educação Infantil, na Escola Pública: a partir dos 3 anos nas turmas de maternal. Pois nos dois primeiros anos a criança está desenvolvendo habilidades vitais para sua sobrevivência. Então neste período o foco deve ser auxiliar este bebê nestes processos mais primários e fundamentais da vida.

Quadro 9 – Enunciado da Questão nº. 8 e respostas dos participantes

QUESTÃO 8	
O que você julga fundamental para as aulas de Inglês para esta faixa etária?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	“Todas as opções, e também interações com diálogos simples. Os recursos devem ser repetidos utilizando diversos formatos.”

Professor 2	“Todas as opções. O aluno deve ser exposto as mais diversas atividades, uma vez que trabalhamos com diferentes alunos e todos devem ser contemplados, de uma forma ou de outra.”
Professor 3	Todas as opções. Como mencionado anteriormente, a aquisição se dá pelo contato e uso efetivo do idioma. É possível para a criança relacionar uma história ou um jogo à sua realidade e, assim, fazer construções gramaticais sem ao menos ter aulas direcionadas à gramática.”
Professor 4	“Todas as opções. Acredito que quanto mais recursos sejam utilizados para favorecer a aprendizagem e as diferentes formas de aprender, maiores serão os resultados.”

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 8

Conforme as respostas, vemos que a necessidade de repetição das propostas é necessária em diversos formatos assim como, é necessário usar o que é atrativo. Proponho aqui: jogos da memória, quebra-cabeça, bingo, elaboração de *puppets* ou dedoches das personagens da história contada, música para consolidar vocabulário e pronúncia. Para o EF faz-se importante ofertar material concreto para que a criança tenha a experiência sensorial de tocar nos objetos, sentir a textura, o cheiro, experienciando aquele momento de maneira mais lúdica como se deve fazer na EI. Primeiro, é essencial haver a experiência sensorial para depois, a aprendizagem concreta se estabelecer mais facilmente.

É indispensável pontuar aqui o benefício de lançar mão da Abordagem *TPR: Total Physical Response* ou “Resposta Totalmente Física” do Psicólogo e Pós-Doutor James J. Asher nas aulas de LE. Esta abordagem carrega o conceito *stress free* para o momento e o ambiente de aprendizagem. Utilizando os movimentos corporais na fase inicial do processo de ensino-aprendizagem, pois segundo Asher (2012) em seu livro *Learning Another Language Through Actions - Aprendendo outra linguagem através de ações*:

Uma vez que os estudantes internalizaram um tópico pelo comportamento motor através da RTF, eles estão prontos para outras aplicações, como: falar, ler e escrever. Essa preparação motora com o RTF é absolutamente essencial para o sucesso na aquisição por estudantes de todas as idades incluindo adultos. Esta preparação motora com RTF vai garantir sucesso para o instrutor também. (ASHER, 2012) *tradução nossa*.

Quadro 10 – Enunciado da Questão nº. 9 e respostas dos participantes

QUESTÃO 9	
No início da sua prática docente, após a graduação, você sentiu falta de uma base pedagógica para planejar/ministrar suas aulas?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	“Sim”.
Professor 2	“Sim”.
Professor 3	“Não”.
Professor 4	“Sim”

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 9

Das quatro professoras apenas uma disse que não recebeu uma base didática sólida para ministrar as aulas, no entanto seria importante que nenhum professor se sentisse assim, pois a docência carrega uma grande responsabilidade de olhar e considerar o contexto dos alunos, o entorno, aquilo que afeta diretamente o seu interesse e desempenho escolar.

Este olhar crítico e mais “sensível” à realidade do aluno, este olhar observador que busca investigar, é muito provocado para desenvolver-se e manifestar-se no curso de Pedagogia - oferecido na UERGS - Unidade Litoral Norte - do qual tive o privilégio de ser participante.

E sendo assim vejo como imprescindível que os professores que irão atuar com crianças pequenas tenham recebido estas “provocações do bem” no seu período de formação. Pois a didática deve ser muito bem explanada, pensada e problematizada ao longo da jornada de graduação com os discentes, pois vai refletir até mesmo na maneira em que as crianças e estudantes irão encarar a L2 no contexto escolar. Vejamos o que diz Cruz (2020) acerca disso:

A didática enquanto campo de conhecimento sobre as práticas de ensino e de aprendizagem se dirige diretamente para o agir do professor durante o ensino para que os seus alunos aprendam com sentido o conhecimento pretendido. Desse modo, ensinar é ação situada, teorizada e mobilizadora de conhecimentos de natureza diversa. Uma formação centrada em pressupostos mais acadêmicos do que práticos dificilmente favorecerá ao futuro professor saber o que fazer para ensinar ancorado nas razões pedagógicas que fundamentam esse fazer. (CRUZ, 2020)

É fato que muitos podem se desinteressar ou desmotivar em relação ao aprendizado da segunda língua pela falta de conhecimento e sabedoria na hora de

oferecer/compartilhar/mediar o idioma (por parte do professor) - nas suas propostas e práticas, assim como no modo de falar.

Portanto a Universidade deve apresentar aos discentes situações-problema a serem debatidas, práticas a serem desenvolvidas na graduação para que estes possam adquirir amplo conhecimento sobre sua ação em sala e sobre a direção e reação de suas propostas no aprendizado do estudante.

Defendemos também que os graduandos precisam estar mais atentos a estas questões. Pois como sabemos: um professor pode fazer o estudante amar ou odiar um componente curricular pela maneira que ele planeja e executa as suas ministrações.

Quadro 11 – Enunciado da Questão nº. 10 e respostas dos participantes

QUESTÃO 10	
Pode afirmar que se sentiu segura após a formação em Letras, pois tal formação lhe forneceu o básico para ser desenvolvido com crianças pequenas (ED e EF)?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	“Na maioria das vezes.”
Professor 2	“Sim.”
Professor 3	“Não.”
Professor 4	“Não.”

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 10

Aqui temos duas respostas negativas, uma em que a entrevistada se coloca em meio termo e uma positiva. Diante disso sugerimos que em geral os professores de LI não sabem como fazer para preparar o ambiente da aula e também como escolher os materiais que serão utilizados em suas aulas; assim como a forma como tudo isso será aplicado, pois foram preparados apenas para ministrar aula para adolescentes, jovens e adultos; e o contexto que o docente encontra frente a esses grupos são muito diferentes do mundo das crianças pequenas.

É imprescindível que o graduando conheça os teóricos que falam da infância e o que eles agregaram nas ideias de: psicologia da infância, aprendizado em múltiplos ambientes; fatores fundamentais que devem constituir a “instrução e o ensino” como: natureza, movimento, autonomia, ambiente preparado e instrumentalizado da forma adequada, e etc.

Assim é fundamental mencionar aqui que os teóricos como: Ausubel, Montessori, Freinet, Pestalozzi, Malaguzzi devem obrigatoriamente estar no currículo de Letras/Inglês para que todo aquele que posteriormente for atuar com crianças pequenas - na rede privada, na rede pública caso as leis se modifiquem, e até mesmo em aulas particulares - tenham uma base sólida de conhecimento para buscarem se aprofundar e por fim ministrarem aulas bem embasadas e coerentes. Daí, vemos a necessidade do professor de Inglês que atua nas etapas da EI e EF 1 ter formação em pedagogia e/ou ter em seu curso de Graduação de Letras/Inglês disciplinas relacionadas ao tema do desenvolvimento infantil e didática ampliada para esta faixa etária para se aprofundar nas particularidades advindas da primeira infância (0 a 6 anos) e infância (0 aos 12 anos).

Portanto fomento aqui, a criação de políticas públicas para a alteração no currículo do curso de Letras Inglês, para um que implante não somente uma disciplina de Educação Infantil, ou didática na EI, mas um semestre inteiro que possa expor o mundo da criança com mais detalhes para este futuro professor.

E para os docentes que já estão na ativa, sugere-se que devam buscar especialização em cursos de extensão ou pós-graduação na área da pedagogia para se reciclarem em seus saberes e oferecer um ensino com melhor qualidade; polido com a visão de mundo da criança.

Quadro 12 – Enunciado da Questão nº. 11 e respostas dos participantes	
QUESTÃO 11	
Você acha que o ensino da Língua Inglesa na Educação Infantil e/ou nos Anos Iniciais do E.F. faz a diferença/ traz benefícios no desenvolvimento da aprendizagem do aluno/a?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	Todos os professores responderam afirmativamente esta pergunta. 100% de respostas “sim”.
Professor 2	
Professor 3	
Professor 4	

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 11

É unânime a resposta positiva. Quem almeja e pratica a formação continuada, busca se aprofundar e se aperfeiçoar no Ensino de Língua Inglesa sabe - diante aos trabalhos acadêmicos de prestígio - que este processo de aprender uma L2 na fase da infância carrega consigo diversos benefícios já comprovados. E não somente no nicho de aquisição de uma L2, mas também no raciocínio lógico, prevenção de doenças mentais em até cinco anos e rapidez na tomada de decisões por conta do poder do controle inibitório. Vejamos:

Os benefícios cognitivos de aprender uma língua têm um impacto direto no desempenho acadêmico da criança. Em comparação com as que não têm um idioma adicional, as crianças bilíngues melhoraram as habilidades de leitura, escrita e matemática e geralmente pontuam mais alto em testes padronizados... As crianças pequenas não se confundem com a introdução de vários idiomas mesmo tempo. (CORINA, 2002 apud RICARDO, 2021).

O bilinguismo também melhora o raciocínio, memória, concentração e flexibilidade de pensamento (STOCCO, 2016).

Segundo Garcia (2019) vamos elencar mais benefícios do bilinguismo: Quando falamos mais de um idioma, conseguimos controlar a atenção e ter mais seletividade na resolução de problemas; Temos mais capacidade de visualizar imagens alternativas para situações ou figuras ambíguas; Compreendemos mais rapidamente a diferença entre aparência a realidade; Ampliamos o armazenamento de memória; Aprimoramos nossa consciência fonológica; Alteramos positivamente o funcionamento do nosso cérebro; Temos mais flexibilidade mental; Garantimos uma reserva cognitiva que preserva nossa mente do envelhecimento; Conseguimos bloquear mais rapidamente informações irrelevantes num dado contexto; Nos concentramos no ponto de vista alheio; Melhoramos nossa capacidade de múltiplas

tarefas pela plasticidade do entendimento do mundo.

Quadro 13 – Enunciado da Questão nº. 12 e respostas dos participantes

QUADRO 12	
Você já observou esses benefícios em alunos que tiveram esta oportunidade e que você deu aulas para ele/a nos anos finais do E.F.?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	“Sim. Os alunos que receberam aula de inglês nos estágios iniciais da escolarização se mostravam mais seguros e motivados nas aulas e com melhor rendimento nas habilidades de oralidade e escrita.”
Professor 2	“Sim.”
Professor 3	“Sim. Quanto mais cedo exposta ao idioma, mais facilmente a criança/adolescente irá reconhecer os padrões gramaticais da língua, fonemas, vocabulário etc. Além de despertar o interesse pelo mesmo. Adolescentes que nunca estudaram inglês na infância demonstram maior dificuldade e uma certa resistência em aprender.”
Professor 4	“Sim. Quanto mais cedo exposta ao idioma, mais facilmente a criança/adolescente irá reconhecer os padrões gramaticais da língua, fonemas, vocabulário etc. Além de despertar o interesse pelo mesmo. Adolescentes que nunca estudaram inglês na infância demonstram maior dificuldade e uma certa resistência em aprender.”

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 12

Os relatos das docentes caracterizam bem o quão importante é a exposição do idioma para as crianças desde a mais tenra idade. É testemunhável a grande facilidade que os alunos mais velhos têm diante da LI, se foram expostos ao idioma quando mais novos, pois nesta fase, não há preocupação demasiada em falar em público, ou “de não errar” - como acontece na fase pós puberdade.

Podemos observar que questões biológicas do período de desenvolvimento da língua materna influenciam no aprendizado da L2.

Não podemos perder esta oportunidade. Possibilitando esta experiência aos mais jovens, iremos com certeza poupar trabalho e evitar o desgaste de aulas sem interesse e permeada com amplitude de dificuldade na aprendizagem - que como mencionado antes, também tem a ver com o biológico do indivíduo. Analisemos:

Antes da puberdade é o momento ideal para se aprender uma língua, seja ela verbal ou não-verbal. Após essa idade, embora uma pessoa que aprenda algo novo possa comunicar-se bem, a fluência é prejudicada e isso pode dever-se a um funcionamento diferenciado, de acordo com as diferentes idades, de uma parte do cérebro que geralmente não é relacionada a esse tipo de aprendizagem, o giro angular direito, localizado na junção dos lóbulos temporal e parietal. A descoberta surpreende porque geralmente o aprendizado de uma língua é relacionada ao outro lado do cérebro, o hemisfério esquerdo. (CORINA 2002 apud RICARDO, 2021).

Assim vemos que antes da puberdade a estrutura biológica está mais propícia para aprender uma L2. Vejamos como este processo deve ocorrer:

O ensino de uma segunda língua deve ser um processo natural, ao qual a criança desenvolve o vocabulário das duas línguas, adequando-as às situações de comunicação, reais e contextualizadas, afim de que as crianças saibam usar as palavras adequadas ao contexto comunicativo maneira natural. (RICARDO, 2021).

Quadro 14 – Enunciado da Questão nº. 13 e respostas dos participantes

QUESTÃO 13	
Como você vê a preocupação dos gestores em relação a oferta da Língua Inglesa em sua escola?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	“Muito pequena”.
Professor 2	“Existe
Professor 3	“Muito pequena”.
Professor 4	“Muito pequena”.

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 13

As respostas acima não expressam plena satisfação das professoras em relação a gestão das escolas no que tange ao modo que a LI é ofertada. Portanto aqui vemos que é necessária uma mudança de mentalidade não somente por parte dos docentes, mas também dos gestores: diretores e supervisores. Todos aqueles envolvidos na tomada de decisões da organização escolar, dos projetos, do currículo, na elaboração do Projeto Político Pedagógico da Escola devem tomar consciência destes conceitos, evidências e problematizações que compõe um novo olhar para o lugar da LI nas escolas.

Mas não somente os gestores como também os pais e toda a comunidade escolar deveriam ter acesso a palestras e discussões sobre este assunto para fomentar ideias e desconstruir paradigmas ultrapassados. Sugere-se aqui a promoção de reuniões que debatam tais questões para alunos e todos envolvidos na formação escolar.

Quadro 15 – Enunciado da Questão nº. 14 e respostas dos participantes

QUESTÃO 14	
Qual carga horária semanal você ministra aulas de Língua Inglesa para os alunos do Ensino Fundamental? Você considera este período suficiente/adequado?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	“Uma hora semanal. Não.”
Professor 2	“Três períodos semanais. Sim.”
Professor 3	“Três períodos semanais. Sim.”
Professor 4	“Uma hora por turma. Não, é pouco tempo para desenvolver uma aprendizagem efetiva, considerando os diversos níveis de conhecimento presentes em uma turma.”

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 14

Vemos com as respostas acima que não são todas escolas que estão comprometidas com uma carga horária adequada, para estruturar uma aula que seja eficaz e que propicie um período suficiente para se desenvolver propostas que vão desenvolver o uso natural e atrativo da Língua. Sabemos das dificuldades envolvidas nessa temática, porém vemos que há espaço para que os responsáveis possam lutar por mudanças: talvez habilitando projetos (previstos na legislação) que vão contribuir com uma formação que vai agregar no futuro dos sujeitos e conseqüentemente em suas comunidades.

Quadro 16 – Enunciado da Questão nº. 15 e respostas dos participantes

QUESTÃO 15	
Já houve manifestação de interesse de mudanças (na carga horária, por exemplo), por parte de pais ou professores? Qual foi a devolutiva da gestão da escola e/ou Secretaria de Educação do município/ Coordenação da Instituição?	
RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES	
PROFESSORES	
Professor 1	“Sim. Negativa. Nós professores de Inglês, sempre solicitamos aumento da carga horária, nos é dito que será feito algo, mas nunca acontece. Se houvesse o ensino de Língua Inglesa desde a Educação Infantil, ou pelo menos dos anos iniciais do Ensino Fundamental poderíamos chegar perto de cumprir a BNCC.”
Professor 2	“Sim. Positiva.”
Professor 3	“Sim. Negativa. Passei por algumas situações em que solicitei atividades extracurriculares (como, por exemplo, levar os alunos ao boliche para jogar e falar inglês ou, então, falar apenas em inglês na sala de aula – pois o livro era totalmente em inglês), mas sempre havia resistência, seja por questão financeira ou falta de interesse. Por conta própria, passei a falar 100% do tempo com os alunos de ensino infantil e fui gradualmente aumentando o uso de inglês nas turmas de ensino fundamental e médio. Os primeiros anos do ensino fundamental eram muito receptivos, mas ensino médio não tanto.”
Professor 4	“Não”

Fonte: autora (2022)

DISCUSSÃO DA QUESTÃO 15

Infelizmente o que temos de relato positivo é em escola privada e mesmo a resposta negativa vem também de uma instituição assim. Já a outra manifestação negativa vem de uma escola pública. Ou seja, precisamos realmente considerar a importância deste tema e fazer com que ele seja reconhecido como digno de atenção por parte das Secretarias de Educação, e que assim os responsáveis dentro das instituições possam agregar valor aos pedidos e solicitações daqueles que estão no campo de trabalho - os professores. Estes merecem ter seus pedidos no mínimo, ouvidos, avaliados e respondidos com alguma posição. E não somente desconsiderados.

4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LÍNGUA INGLESA NO TEXTO DA BNCC RELATIVO À EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC), no que diz respeito à Educação Infantil e aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, não traz explícito em seu texto o termo “Língua Estrangeira”, ou “Língua Inglesa” (BNCC, 2019). Este tem sido um dos tantos motivos que explicam a resistência ao ensino de qualquer língua estrangeira ainda na infância, ou seja, a falta de subsídios normativos, como aqueles respaldados pela BNCC. Entretanto, a ausência das palavras ‘Língua Inglesa’ não deve ser vista como um impedimento, mas sim como uma oportunidade.

Por exemplo, ao analisarmos a possibilidade de elaborar um Planejamento/ uma proposta para Educação Infantil (Maternal e Pré-escola), percebemos que os campos de experiência não só delineiam, como colaboram com ideias sobre a abordagem de temas importantes.

No campo de experiência do “eu, o outro e o nós” (BNCC, 2019), usaremos como exemplo os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento: EI03EO04- comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos e, EI03EO06- manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida. Observando os enunciados acima é possível perceber como a língua inglesa pode ser incluída na BNCC. Conversar com as crianças sobre culturas diferentes, compreendendo seu modo de viver e pensar, pode auxiliar na introdução do idioma inglês nesta fase da vida.

No campo do “corpo, gestos e movimentos” (BNCC, 2019), temos o objetivo EI03CGG03-criar movimentos, gestos, olhares e mímicas em brincadeiras, jogos e atividades artísticas como dança, teatro e música. Este objetivo envolvendo criatividade e criação também pode ser alcançado através do ensino de uma segunda língua (L2). Todas as atividades e brincadeiras abrangidas por este objetivo também podem ser mediadas através do uso de língua estrangeira associada à língua materna.

No campo de experiência dos “traços, sons, cores e formas” (BNCC, 2019), temos o objetivo EI03TS02–expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais. Todas essas formas de expressão podem ser utilizadas tanto na língua materna como em outra língua. As crianças podem experienciar o ensino da Língua Inglesa das cores, das formas geométricas, dos sons e nomenclatura de instrumentos musicais, de animais, de fenômenos da natureza, etc.

É importante salientar que estes temas diversos devem estar incorporados a um projeto mais amplo que esteja acontecendo no dia a dia das crianças, para que estas propostas venham a agregar experiências à vivência significativa que já é dinâmica e fluida (o cotidiano). As temáticas não devem ser apresentadas separadamente sem estarem integradas aos projetos da turma, pois a proposta curricular da BNCC preza por uma abordagem transdisciplinar.

O campo de experiência “escuta, fala, pensamento e imaginação” (BNCC, 2019), oferece objetivos como: EI03EF01-expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão; e EI03EF03-escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas. A língua inglesa pode ser introduzida através desses objetivos, bem como todo o material escrito que já se encontra disponível para essa faixa etária.

No campo dos “espaços, tempos, qualidades, relações e transformações” (BNCC, 2019), temos objetivos como: EI03ET07-relacionar números às suas respectivas quantidades e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência. O objetivo relacionado: Aprender a contar em inglês e português, falar a idade, aprender (de maneira lúdica e transdisciplinar) os dias da semana, os meses, entre outros também permite a fusão de duas línguas.

Esta breve explanação pretendeu demonstrar que o ensino de inglês, ou qualquer outro idioma, é possível de ser realizado ainda na Educação Infantil, independentemente de a BNCC trazer isso expresso em seu texto. A BNCC não faz qualquer proibição ao uso de segunda Língua (L2) na infância. O seu texto, aliás, facilita a inserção de qualquer idioma em qualquer fase da vida. Existe ainda pouca compreensão sobre como trabalhar com os objetivos da BNCC, mas isso ainda se deve à desinformação.

No Anexo A (página 43) desta monografia encontra-se um Planejamento, elaborado pela autora, para ser aplicado na Educação Infantil - nas turmas de Maternal e Pré-escola. Hipoteticamente esta proposta seria desenvolvida em articulação com o Projeto em andamento da turma: “Investigando a Natureza - encontrando as cores”. Neste período as crianças estariam observando as comidas na hora do lanche (frutas, vegetais), a área verde da escola - e de seu entorno, o gramado, as plantas, as flores, o céu e seus elementos, e todas as demais coisas que a natureza poderia estaria “mostrando a eles”. A intenção é demonstrar a viabilidade entre a BNCC (2019) e a vivência com a língua estrangeira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como tema a “Educação bilíngue para crianças”, com enfoque voltado para a oferta de Língua Inglesa na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Ao todo nove profissionais responderam aos questionários, sendo cinco gestores e quatro professores. Ao todo foram elaboradas quinze questões semiestruturadas para serem respondidas pelos participantes.

O principal objetivo do trabalho foi realizar uma reflexão sobre a oferta de Língua Inglesa para crianças. O percurso iniciou com uma extensa revisão bibliográfica sobre o tema, acompanhada pela escuta de professores e gestores que possuíam familiaridade com o ensino bilíngue para crianças. Os dados coletados com a pesquisa teórica foram analisados conjuntamente com os resultados das entrevistas e utilizados para analisar as percepções dos docentes.

Também foi possível, através do levantamento bibliográfico, verificar a compatibilidade entre a BNCC e a Educação Bilíngue, em todas as etapas da Educação Básica. Nesse sentido, um Plano de Aula foi elaborado para demonstrar a razoabilidade entre os objetivos da BNCC e os conteúdos de língua inglesa.

Ao serem indagados sobre a oferta de educação bilíngue na infância, os participantes se mostraram favoráveis a esta possibilidade, apontando, contudo, as deficiências na formação de professores, a ausência de material didático mais moderno, e a insuficiência de carga horária para a garantia de uma formação efetiva.

Portanto, a oferta da LIC nas escolas deve se apresentar de maneira a constituir o cenário multicultural, dentro de uma proposta de multiletramento. Há muita mudança de paradigmas a ser feita.

Finalmente, é preciso que vejamos manifestações na esfera federal com os responsáveis criando e executando leis que aprovem a inserção de LE nas escolas a partir do EF 1; a mentalidade dos professores precisa ser renovada a ponto de buscarem formação continuada e especialização que os conduzam a buscar o conhecimento integral da criança - seu desenvolvimento e implicações; os cursos de Letras/Inglês precisam se atualizar e se modificar, sabendo que a grade curricular está insuficiente, e novas disciplinas da área da pedagogia precisam ser incorporadas ao seu currículo.

REFERÊNCIAS

ASHER, James J. **Learning Another Language Through Actions**. Sky Oaks Production Inc. San José. Califórnia, 2012.

ÁVILA, P. A.; TONELLI, J. R. A. **As motivações para a implementação do ensino de língua inglesa nos anos iniciais de escolarização em uma escola municipal pública**. Acta Scientiarum. Language and Culture, v. 42, n. 1, p. e50986, 12 maio 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/50986>> Acesso em: 30/03/2022.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-inglesa>> Acesso em: 20/04/2021.

BRITISH COUNCIL. **4 Habilidades de Comunicação em Inglês que Você Precisa Desenvolver**. Disponível em: <<https://www.britishcouncil.org.br/exame/ielts/blog/comunicacao-ingles>> Acesso em: 13/04/2022.

CRUZ. Giseli Barreto da. **Pedagogia, didática e formação docente: velhos e novos pontos críticos-políticos**. Revista Cocar Edição Especial N.8. Jan./Abr./2020 p.45-66 Disponível em: <<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/index>> Acesso em: 23/06/22.

CARDOSO, F.; DA CRUZ LIMA, A. M.; COELHO LIBERARI, F. **Formação docente para as práticas educativas em língua inglesa para crianças: algumas considerações**. Devir Educação, v. 3, n. 2, p. 92-113, 27 nov. 2019. Disponível em: <<http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/171>>. Acesso em: 30/03/2022.

CHAGURI, Jonathas de Paula; TONELLI, Juliana Reichert Assunção. **Políticas de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras para crianças no Brasil: (re)discutindo fundamentos**. Linhas. Florianópolis, v. 20, n. 42, p. 281-302, jan./abr. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723820422019281>> Acesso em: 05/11/2021.

DURAZZO, Sandra. **Língua Inglesa e BNCC**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nGzyq0-90Bl>> Acesso em: 08/04/2022.

FERREIRA, I. K. de S.; DOS SANTOS, L. F. **A aprendizagem de língua estrangeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Letrônica, v. 3, n. 1, p. 128-141, 8 out. 2010. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/6930>> Acesso em: 05/11/2021.

FREITAS. Carla Conti de; BROSSI. Giuliana Castro; SILVA. Valéria Rosa da; JUNIOR; Alcides Thereza Hermes. (org.). **Diálogos entre a Universidade e**

Escola na (Trans)Formação de professores de Línguas. Anápolis: UEG, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://cdn.ueg.edu.br/source/editora_ueg/conteudo_extensao/11259/ebook_enf_ople_2018.pdf> Acesso em: 25/04/2021.

FREITAS, Cláudia Rodrigues de.; BAPTISTA, Claudio . **A Atenção, a Infância e os Contextos Educacionais.** Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29140387>> Acesso em: 17/05/2021.

GARCIA. D. **As 12 Vantagens do Bilinguismo.** Disponível em: <<https://www.geekie.com.br/blog/vantagens-do-bilinguismo>> 2020. Acesso em 31/05/2022.

LDB. 2021. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei_diretrizes_bases_4ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20/04/2021.

NINHOS DO BRASIL. **As 4 fases do desenvolvimento cognitivo infantil segundo Piaget.** Disponível em: <ninhosdobrasil.com.br/piaget-desenvolvimento-infantil> Acesso em: 08/04/2022.

QUEIROZ. Isabela, Raquel; CARVALHO, Cristina Mendes de. **A Pesquisa no ensino de Língua Inglesa para crianças.** Eletrônica Interfaces, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/908> Acesso em: 27/10/2021.

RATNER MONTESSORI SCHOOL. **Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil. IMAGENS E ESTATÍSTICAS.** Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagemp_esquisacompleta.pdf> Acesso em: 17/05/2022.

RATNER MONTESSORI SCHOOL. **The Planes of Development.** IMAGEM. Disponível em: <<https://www.theratnerschool.org/apps/news/article/1069391>> Acesso em: 25/04/2022.

RICARDO, Edna dos Reis. **A Importância de uma Segunda Língua para Crianças.** Revista: A Evolução 2 Ano II - Nº 14 - Março de 2021 - ISSN: 2675-2573 pg. 51. Disponível em: <<http://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/35>> Acesso em 31/05/2022.

SALOMÃO, Gabriel. **Períodos Sensíveis: O que São e Quais Seu Filho Está Vivendo Agora.** 23 de março de 2019. Disponível em: <<https://larmontessori.com/2019/03/23/periodos-sensiveis-montessori/>> Acesso em: 13/04/2022.

SANTOS. Leandra Ines Seganfredo. **Ensino-aprendizagem de língua inglesa em anos iniciais do ensino fundamental: do planejamento ao alcance dos objetivos propostos.** *Linguagem e Ensino*. Pelotas. v. 13, n. 2, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15375>> Acesso em: 05/11/2021.

STOCCO, N. **O que é bilinguismo?** Sproutly, bilinguismo para todos. 01 fev. 2016. Disponível em: <<https://sproutly.com.br/2016/02/01/o-que-e-bilinguismo/>>. Acesso em: 20/04/2022.

TONELLI, Juliana Reichert Assunção; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. **O papel dos cursos de Letras na formação de professores de inglês para crianças.** Calidoscópico, v. 8, n. 1, p. 65-76, 2010. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/159>> Acesso em: 18/11/2021.

ANEXO A

Exemplo de Planejamento de Língua Inglesa para a Educação Infantil

Nome da Escola			
Turma	Maternal ou Pré-escola	Professor	Giovanna de Borba
Data		Título	Descobrimos as cores da Natureza
Objetivos de Aprendizagem	(EI03TS02) Expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais.		
Objetivos de conhecimento	Conhecer, nomear e identificar as cores, presentes na natureza, reconhecendo sua denominação na língua inglesa e portuguesa. Através de uma exploração em grupo.		
Habilidades específicas	Desenvolver a habilidade de <i>Listening e Speaking</i> através da estrutura de perguntas e respostas simples: “ <i>What color is it?</i> ”; “ <i>My favorite color is...</i> ”		
Metodologia (estratégia)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Contação de História; Audição de canções e vídeos curtos (desenho animado) em inglês, abordando a temática das cores; Jogo da Memória e Quebra cabeça; 2. Elaboração de um painel com as cores das flores e animais observados, envolvendo pintura, recorte e colagem. 3. Interação entre os alunos e a professora, através de conversação na língua inglesa, abordando o nome das cores. Conversação utilizando perguntas e respostas simples; Dinâmica com movimento: Jogo “Vejo, vejo” – O quê você vê na sala com a cor laranja? 4. Sacola mágica: Dividir a grupo em grupos e retirar de dentro da sacola mágica os objetos concretos de: frutas, vegetais, flores e animais com as cores observadas e questionar quais cores são essas. 		

Recursos	Livro bilíngue para contação de história; Jogo da memória; Quebra cabeça; Sacola mágica,
Avaliação	Levará em conta a participação e expressão do aluno através das atividades propostas, com enfoque na interação oral utilizando as estruturas alvo (<i>listening, e speaking</i>).
Devolutiva	Será realizada ao longo da aula, à medida que as crianças forem se expressando e manifestando suas dúvidas acerca da língua inglesa.

Fonte: autora (2022)